

bilidade elevada de os juros voltarem a subir; sobretudo se se materializarem cenários mais adversos na componente energética.

Luke Bartholomew da abrdn projeta que as taxas se mantenham neste nível durante algum tempo, com “o próximo movimento a mostrar maior probabilidade de ser descendente do que ascendente”, ou seja, que o pico dos juros tenha sido atingido. Já o banco ING destaca que os membros mais *hawkish* do Conselho do BCE se mostraram pouco satisfeitos com a interpretação do mercado das palavras de Lagarde na reunião de setembro, começando a projetar cortes de taxas, o que pode empurrar a autoridade monetária no sentido contrário.

“Um BCE claramente mais cauteloso aumenta cada vez mais a ideia de um pico nas taxas de juro já foi atingido”, escreveu Carsten Brzeski do ING.

Por sua vez, Salman Ahmed da Fidelity International mostra o seu pessimismo para a economia da zona euro. “Apesar de acreditarmos que esta nova preocupação sobre o crescimento” indicia uma “viragem *dovish* na próxima reunião”. Como Lagarde admitiu, “a transmissão da política monetária foi muito forte e há mais para vir. Mantemos a visão que o BCE apertou demasiado e esperamos que a zona euro entre em recessão neste trimestre ou no próximo. Como resultado, esperamos que o BCE comece a cortar taxas mais cedo e mais agressivamente do que o mercado desconta atualmente”, segundo o analista.

Já Azad Zangana da Schroders tem os olhos postos num corte dos juros no próximo ano. “É provável que a próxima medida seja um corte, provavelmente em 2024. A data e o montante da redução no próximo ano dependerão dos progressos realizados para reduzir a inflação para o objetivo”, de acordo com o responsável.

A reunião do BCE decorreu em Atenas, Grécia, e na abertura da conferência de imprensa o governador grego Yannis Stournaras recordou o poema *Ithaca* do grego Cavafy sobre a odisseia de Homero: “Ele aprendeu durante a sua longa viagem e tornou-se mais sábio. Agora, somos todos mais sábios, mais fortes e estamos melhor preparados para as dificuldades”. Estaria a referir-se à mudança que o BCE prepara-se para fazer na sua política monetária em breve?

Pedro Brinca ■ O economista e professor da Nova SBE antecipa que este não tenha sido já o pico dos juros na zona euro, embora o principal risco não venha da componente energética. Com a economia europeia estagnada e a subida mais agressiva de juros ainda por se materializar, a recessão continua em cima da mesa.

“É bom lembrar que há 12 meses os juros estavam em 0,75%”



O mercado já antecipava que tudo ficasse inalterado em outubro, mas parece-lhe que foi o fim do aperto monetário ou apenas uma pausa?

Uma pausa. O cenário central era de facto que o BCE iria manter as taxas de juro nesta reunião, depois de a última subida ter sido bastante disputada. Neste momento a zona euro já se encontra estagnada e espera-se que a subida já verificada das taxas de juro mantenha as condições bastante restritivas nos próximos meses, pelo que é razoável a expectativa que a inflação continue a sua trajetória de abrandamento.

Vê um risco real de disparo nos preços do petróleo com a situação no Médio Oriente? Pode levar a novas subidas de juros na zona euro?

Não acredito que, de momento, exista um risco significativo do conflito no Médio Oriente se concretizar num choque de oferta de petróleo que possa afetar de forma importante as economias mundiais. Mas naturalmen-

te que, se fosse o caso, poderia haver um impacto relevante nos preços da energia e, por arrasto, na inflação. Não obstante, a volatilidade dos preços da energia (e da alimentação) decorre de fenómenos que não estão normalmente relacionados com o nível de atividade económica e, conseqüentemente, tem pouco peso nas decisões dos bancos centrais, pelo menos no curto prazo.

Com os juros já em níveis restritivos e o rendimento das famílias na Europa a cair, que outros instrumentos e políticas pode o BCE usar caso tenha surpresas do lado macro?

Depende da surpresa. De momento, a Reserva Federal e o BCE têm como política uma atitude de preferirem errar por excesso de condições restritivas do que por defeito. A economia da zona euro está estagnada há dois trimestres e, acreditando no consenso de que a política monetária se exprime na sua plenitude com um desfazamento de 12 a 18 meses, é bom lembrar que há 12 meses a taxa de juro ainda estava a 0,75%. Pelo que, neste momento, desvios do cenário central são definitivamente para uma estagnação prolongada ou recessão. E, nesse caso, os bancos centrais acreditam que têm todos os instrumentos necessários para recuperar as economias relativamente rápido.

Breves

OE2024. Madeira emite parecer negativo

Avaliação ■ A comissão permanente do parlamento da Madeira emitiu um parecer negativo à proposta de Orçamento do Estado para 2024 (OE2024), indicando que “não satisfaz algumas das pretensões, antigas e atuais, da região autónoma”.

31

Habitação ■ O mercado de habitação registou 31.800 transações no terceiro trimestre, segundo os dados da Confidencial Imobiliário. Um valor que fica próximo das 32.500 casas transacionadas no trimestre anterior, num valor médio por fogo de 232 mil euros.

Benefícios fiscais em 2022 subiram 16%

Fisco ■ A despesa fiscal com benefícios fiscais totalizou 2.879,9 milhões de euros em 2022, uma subida da 16% face ao valor observado um ano antes, segundo as estatísticas divulgadas pela Autoridade Tributária e Aduaneira (AT).

Bruxelas dá 500 milhões para a saúde global

Mundo ■ A União Europeia assinou ao abrigo do programa Global Gateway, três acordos para promover o Corredor do Lobito e um outro acordo de 500 milhões de euros para reforçar a área da saúde global.